

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS/LÍNGUA
PORTUGUESA

LEIA MEIRELES PEREIRA

MEMÓRIA E ESCRITA NA TRADIÇÃO POPULAR: DA ORALIDADE DO BOI DE
PANO À ESCRITA DO BUMBA MEU BOI CONTEMPORÂNEO NO MUNICÍPIO
DE SÃO BERNARDO, MARANHÃO.

SÃO BERNARDO

2016

LEIA MEIRELES PEREIRA

**MEMÓRIA E ESCRITA NA TRADIÇÃO POPULAR: DA ORALIDADE DO BOI DE
PANO À ESCRITA DO BUMBA MEU BOI CONTEMPORÂNEO NO MUNICÍPIO
DE SÃO BERNARDO, MARANHÃO.**

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de Graduação em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa apresentado à Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Orientador (a): Prof^o Ma. Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira

SÃO BERNARDO

2016

Pereira, Leia Meireles

Memória e escrita na tradição popular: da oralidade do boi de pano à escrita do bumba meu boi contemporâneo no município de São Bernardo, Maranhão/Leia Meireles Pereira– São Bernardo, 2016.

33f.

Orientadora: Prof^ª Me. Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira

Monografia (Graduação em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa)–
Universidade Federal do Maranhão, 2016.

1. Bumba meu boi. 2.Oralidade 3.Escrita. 4. Cultura popular.
I.Título.

CDU 394.2(812.1)

LEIA MEIRELES PEREIRA

**MEMÓRIA E ESCRITA NA TRADIÇÃO POPULAR: DA ORALIDADE DO BOI DE
PANO À ESCRITA DO BUMBA MEU BOI CONTEMPORÂNEO NO MUNICÍPIO
DE SÃO BERNARDO, MARANHÃO.**

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção
do título de Graduação em Linguagens e
Códigos/Língua Portuguesa apresentado à
Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Orientador (a): Prof^a Me. Heridan de
Jesus Guterres Pavão Ferreira

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Me. Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira - UFMA

Prof. Esp. Rayron Lennon Costa Sousa -UFMA

Prof^a Esp. Alessandra Ferro Salazar Caro - IFMA

“Nada de conclusivo teve lugar no mundo, a palavra final do mundo e sobre o mundo ainda não foi dita, o mundo é aberto, tudo ainda está no futuro e sempre estará no futuro.”

Mikhail Bakhtin

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças para que eu pudesse continuar o meu curso sem nunca desistir.

Aos meus pais, Maria Auxiliadora Meireles Pereira e Francisco Lima Pereira pelos seus esforços em minha educação.

Às minhas irmãs, Isabel Cristine Meireles Pereira e Marta Leticia Meireles Pereira pelo seu apoio incondicional nesta e em outras jornadas.

Às minhas amigas Adriana Santos Coelho e Renália Rafaela Cunha por me acompanharem nesta caminhada.

A minha orientadora, professora Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira por ter confiado a mim esta missão e por ter me dado força para enfrentar as dificuldades.

Aos que tentaram me embaraçar os caminhos. Vocês me ajudaram a melhorar.

**MEMÓRIA E ESCRITA NA TRADIÇÃO POPULAR: DA ORALIDADE DO BOI DE
PANO À ESCRITA DO BUMBA MEU BOI CONTEMPORÂNEO NO MUNICÍPIO
DE SÃO BERNARDO, MARANHÃO.**

RESUMO

Este trabalho surge de reflexões sobre o enfraquecimento da cultura popular no município de São Bernardo-MA, especificamente o Bumba meu Boi, resultado do processo de aculturação que tem ocorrido no município nos últimos anos; decorrente da falta de apoio à cultura local e de registro dessa manifestação. Tem como objetivo refletir sobre a importância do registro escrito para a preservação do patrimônio memorial desta comunidade. As discussões deste trabalho apoiam-se em dois pilares, o primeiro diz respeito à escrita e oralidade como forma de preservar a memória; o segundo trata-se de compreender o Bumba meu Boi no município de São Bernardo como registro da cultura desta comunidade. Este trabalho foi embasado nas teorias de Massaud Moises (2003), Marcuschi (2005), Sanches (2003), Alcoforado (2008) entre outros, que tratam de escrita, oralidade e cultura popular. Este estudo se dá a partir de entrevista com um dos moradores mais antigos do município, o Sr. João da Silva Meireles, que permitiu a construção de um panorama cultural do município nos anos 40/50, a partir do qual contribuiu para que por meio deste estudo se entendesse a oralidade com elemento intrínseco à cultura popular, observando-se a partir deste estudo a escrita como uma das possibilidades para o resgate da memória cultural bernardense.

PALAVRAS CHAVE: Bumba Meu Boi, oralidade, escrita, cultura popular.

Abstract

This work comes up from reflections on the weakening of popular culture in São Bernardo-MA, specifically Bumba meu Boi, a result of the acculturation process that has taken place in the city in the last years; due to the lack of support for local culture and record this event. It aims to reflect on the importance of the written record for the preservation of the memorial heritage of this community. The discussions of this work depends on two pillars, the first is the writing and speaking skills in order to preserve the memory; the second it is to understand the Bumba meu Boi in São Bernardo as this community culture of record. This work was based on the theories of Massaud Moises (2003), Marcuschi (2005), Sanches (2003), Alcoforado (2008) among others, dealing with writing, oral communication and popular culture. This study starts from the interview with one of the oldest residents of the municipality, Mr. João da Silva Meireles, which allowed the construction of a cultural panorama of the city in the years 40/50, from which contributed to by this study is to understand orality with intrinsic element of popular culture, observing from this study writing as one of the possibilities for the rescue of bernardense cultural memory.

Key-words: Bumba Meu Boi, Speaking, Writing, Popular Culture;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
2. A FALA E A ESCRITA NO CONTEXTO DA CULTURA POPULAR: o Bumba meu Boi como elemento identitário do mestiço brasileiro	10
2.1. Oralidade e escrita transmissão da cultura popular	11
2.2 Oralidade e escrita na tradição literária	14
3. BUMBA MEU BOI: a expressão da mestiçagem brasileira	16
3.1 Origem cronológica	18
3.2 A narrativa do auto	18
3.3 Sátira e revolta: o discurso do oprimido	21
4. METODOLOGIA.....	23
5. ANÁLISES E RESULTADOS	24
5.1 O boi de pano no cenário cultural bernardense	24
5.2 As toadas do Boi de Pano	27
5.3 O lugar de fala da comunidade Bernardense através de Boi de Pano.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, predominantemente letrada, a escrita surge como elemento legitimador de identidade, permitindo o registro de memórias, e conseqüentemente possibilitando a preservação da memória cultural de uma comunidade.

Para Marcuschi (1997, p.122), “em uma sociedade como a nossa, a escrita é mais do que tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia”. Neste sentido, torna-se importante pensar a escrita como instrumento permissor da efetivação da memória.

Atualmente, o fenômeno da massificação da cultura tende a dissipar algumas das características principais de certas manifestações culturais e, neste sentido, este trabalho busca responder a seguinte indagação: Qual a importância da escrita para a preservação da memória cultural no município de São Bernardo-MA?

Tomamos como objeto de estudo, o Bumba meu Boi de São Bernardo/MA, manifestação cultural que já teve o seu ápice no município, no início do século XX até a década de 1990. Atualmente esta manifestação declina com a falta de incentivo à brincadeira o que se potencializa com a morte dos antigos brincantes, que se constituem a única fonte de registro desta manifestação cultural. Cabe também nesta investigação, responder o porquê do enfraquecimento do folguedo no município, além de buscar caminhos para a preservação desta memória cultural.

Considera-se para tanto que O Bumba Meu Boi é uma das manifestações culturais mais conhecidas no estado do Maranhão. Porém, apesar de ser uns dos cartões de visita do estado, este, de acordo com Brasil (2011), esta, vem perdendo suas características originais, resultado da comercialização da cultura, fato que se reflete diretamente nas transformações ocorridas na manifestação, que ao longo dos anos tem se diluído em meio a questões econômicas, que buscam modernizar o Bumba Meu Boi, tornando-o um espetáculo comercializável.

Este estudo toma como ponto de partida entrevista com Sr. João da Silva Meireles, membro da família Meireles que tem grande destaque no cenário cultural bernardense. O Sr. João Meireles, participou por muitos anos das festividades do Bumba Meu Boi no município, além de ter exercido por longos anos a profissão de professor. Neste sentido, considerou-se este uma fonte de memórias e hábitos da comunidade investigada neste estudo, portanto uma fonte de estudo importante para se conhecer a história do município. O objetivo geral proposto como fio condutor desta pesquisa é refletir sobre a oralidade na transmissão dos saberes populares no município de São Bernardo/MA, através do Bumba meu Boi, tendo-se como objetivos específicos: identificar o lugar de fala da comunidade Bernardense através do Boi de Pano; entender a importância da escrita para preservação da memória cultural do município de São Bernardo/MA e compreender a importância da oralidade na transmissão da cultura popular.

Sua relevância se dá no sentido de aferir-se em que medida elementos da cultura popular dialogam com conteúdos trabalhados formalmente na escola. Esta pesquisa de natureza empírica buscou através de entrevista com o Sr. João da Silva Meireles, a reconstrução do cenário cultural bernardense nos anos 40 e 50, com a finalidade de refletir sobre a oralidade e a escrita no Bumba meu Boi bernardense.

2. A FALA E A ESCRITA NO CONTEXTO DA CULTURA POPULAR: O BUMBA MEU BOI COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO DO MESTIÇO BRASILEIRO

Para delinear um quadro para os problemas apresentados na introdução deste estudo é preciso estar a par de alguns conceitos e discussões que giram em torno da literatura, quando se trata de oralidade e escrita.

É necessário deixar claro que este trabalho não busca fomentar uma discussão a cerca da superioridade entre uma visão ou outra, trata-se aqui de buscar o elo entre uma e outra para preservação da memória de uma comunidade.

As discussões deste trabalho apoiam-se em dois pilares, o primeiro diz respeito à escrita e oralidade como forma de preservar a memória, e o segundo trata-se de compreender

o Bumba Meu Boi no município de São Bernardo/MA, como registro da cultura da comunidade bernardense.

2.1. Oralidade e escrita transmissão da cultura popular

De acordo com Marcushi e Dionisio (2005, p.13), “Toda a atividade discursiva e todas as práticas linguísticas se dão em textos orais ou escritos com a presença de semiologias de outras áreas, como a gestualidade e o olhar, na fala, ou elementos pictóricos e gráficos, na escrita”.

Oralidade e escrita configuram-se como dois pólos diferentes da língua, mas, nem por isso esses dois pólos precisam, necessariamente, competir entre si pela superioridade. Apesar da valorização ora de um desses aspectos da língua ora de outro, fala e escrita são fundamentais para a comunicação humana e a sua transmissão de saberes.

[...] A *fala* seria uma forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Mas pode envolver aspectos muito complexos como ainda veremos, em especial quando se trata da fala em contextos muito particulares em que a oralidade é uma prática bem desenvolvida, como, por exemplo, na hora de fazer um discurso em público ou se submeter a uma entrevista de emprego. A *escrita* seria, além de uma tecnologia de representação gráfica da língua com base em um sistema de notação que, no nosso caso, é *alfabético*, também um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades. Isso é tão interessante que, como ainda será observado com algum detalhe adiante, temos hoje muito mais gêneros textuais escritos do que orais. (MARCUSHI 2005 p 40,41)

Neste sentido, a fala e escrita são ao mesmo tempo meio e resultado da comunicação humana, embora estas se diferenciem quanto ao modo de produção e seu suporte. Deste modo, a oralidade se dá por meio do aparelho fonológico humano, portanto sem a necessidade de qualquer outro suporte artificial, ao passo, que a escrita se dá através da representação gráfica, em algum tipo de suporte físico.

Neste caso, o que colocamos em questão é a efemeridade da fala, em relação ao caráter de permanência da escrita. Visto que, em relação aos suportes, a durabilidade da

escrita é maior. Deste modo, mesmo a fala coletiva da cultura popular, que perdura através da transmissão de saberes de uma geração para outra, esta precisa da continuidade de transmissão correndo o risco desta fala ser silenciada pela descontinuidade, neste sentido, a escrita apresenta-se como meio que possibilita um recorte temporal que permite o registro de memória da cultura popular, não no sentido de substituição da oralidade na tradição popular, mas com forma de manter viva a memória de um dado período de tempo.

Sabe-se que o conhecimento popular, em sua essência, é transmitido através da oralidade, sendo esta a responsável por fazer e refazer este conhecimento, considerando a cultura popular como algo que no decorrer de sua existência se adapta inúmeras vezes, ao cotidiano daqueles que a fazem, Marques (1996).

Levando em consideração esta assertiva, pensemos na necessidade do registro escrito da cultura popular, visto que esta em boa parte se dá apenas através da oralidade, o que em determinados casos e fator de suma importância para que estas caiam em esquecimento, se pensarmos na facilidade de substituição de ideias que permeiam a sociedade contemporânea.

Marcushi (2005) defende a necessidade da conservação do saber popular de predominância oral, no sentido de conservar o conhecimento prático, assim como garantir a sobrevivência daqueles que o possuem.

Neste contexto, Marcushi (2005), salienta a necessidade de por fim ao dilema da utilização da escrita de forma a não inferiorizar as tradições orais, colocando escrita e oralidade como partes importantes da transmissão de saberes populares, porém, com funções sociais diferentes.

Como lembram Bledsoe e Robey (1993, p. 110), trata-se de resolver o dilema instalado entre o *potencial técnico* da escrita enquanto pode ser usada para produzir e transmitir uma mensagem de maneira eficiente e duradoura e suas *funções sociais* referentes ao modo como ela se adapta às diversas culturas e sociedades ou como é por elas apropriada em sua vida cotidiana. (MARCUSHI 2005, p.46)

No que se refere à cultura popular, a narrativa oral tem lugar de destaque, funcionando como um suporte para a transmissão de conhecimentos, colocando a linguagem

oral como elemento socializador de memórias e costumes de uma comunidade, conforme atesta Marques (1996) ao discorrer que:

E a linguagem narrativa que expressa o caráter plural dos costumes, padrões, valores, crenças, sentimentos, hábitos, emoções, sensações que formam a cultura oral desse grupo, e que cada um utiliza individualmente, conforme suas necessidades cotidianas. Um discurso enraizado numa resistência imperecível porque capta o intemporal sob a superfície temporal, e onde a enunciação passa sob o modo astucioso dos enunciados. (MARQUES, 1996, p. 40)

Portanto, são através das narrativas orais que os saberes de uma comunidade são transmitidos e moldados as necessidades comunicativas da mesma, tendo na memória seu único suporte para a preservação destes saberes.

Assim, para que a comunidade preserve suas origens, é necessário antes de tudo que este conhecimento seja repassado de geração para geração, o que em alguns aspectos é cada vez menos recorrente em nossa sociedade contemporânea, na qual essas práticas culturais artesanais tornam-se cada vez mais obsoletas, dando lugar ao que tem valor de mercado, Hall (2006).

A esse respeito, Sousa (2008) discorre: “O mundo contemporâneo se desfaz de forma absoluta sob o peso de uma moeda invisível. Essa era “flexível” inunda o mundo com quinquilharias vendidas pelos moedeiros ilusionistas”.

Deste modo, a escrita entra em cena, não como elemento inferiorizador da oralidade, mas, como um instrumento que torna possível efetivar memórias, ainda que o cenário cultural necessite da oralidade para continuar se adaptando aos hábitos de vida de uma comunidade.

Na tradição oral, a permanência do texto repousa unicamente na memória do contador/Narrador [...] enquanto que, na tradição escrita, o conteúdo é fixado pela prática escritural e o conhecimento torna-se possível, mesmo que o enunciador não se faça presente. É por esse motivo que a permanência na diversidade, ou seja, conteúdos que variam ao mesmo tempo em que as formas se mantêm, caracteriza muito bem os textos orais, enquanto que uma maior rigidez e imutabilidade de conteúdo e forma caracterizam os textos escritos. (BERGAMASO, 2011. p.4)

Deste modo, compreendemos a escrita e oralidade como formas distintas da língua, porém, com peso de igual valor para o processo comunicativo; ao passo que a oralidade permite a recriação e reconstrução contínua da identidade cultural de uma

comunidade, a escrita fixa as memórias da comunidade contribuindo assim para a preservação cultural da memória, através de um recorte no espaço/tempo que será fixado de forma indeterminada, independente da presença dos enunciadores.

2.2 Oralidade e escrita na tradição literária

Do ponto de vista cronológico a fala surge antes da escrita, o que concede a esta, cronologicamente, uma superioridade em relação à escrita; porém, na sociedade contemporânea em relação ao prestígio, a escrita tem supremacia em muitos casos, em relação à fala Marcushi e Dionisio (2005). Mas, em relação à cultura popular, a oralidade tem uma abrangência bem maior que a escrita, principalmente quanto à transmissão dos saberes.

Segundo Marcushi (2005), a escrita surgiu pouco mais de 3.000 anos antes de Cristo, ou seja, em relação à oralidade, a escrita é algo relativamente jovem. Marcushi (2005) afirma: “a alfabetização como fenômeno cultural de massa pode ser ignorada nos primeiros 2.000 anos de sua história ocidental, pois ficou restrita a uns poucos focos”, de forma, que durante muito tempo o uso da escrita permaneceu acessível apenas à elite, tornando esta, uma questão de status, em detrimento da oralidade.

Marcushi (2005), sobre o ensino da escrita nos diz: “de início, a escrita servia à burocracia do Estado, à Igreja e ao Comércio, um “trunvirato”, como lembra Graff (1995, p. 36) sem uma função social maior. A alfabetização como um bem socialmente desejável é um fenômeno muito tardio, de modo que não havia, na escrita, mais do que um uso restrito às elites”.

A introdução da escrita no mundo foi feito notável e correspondeu à transição do mito para a história se nos apoiarmos na realidade dos documentos. Foi à escrita que permitiu tornar a língua um objeto de estudo sistemático. Com a escrita surgiu à institucionalização rigorosa do ensino formal da língua com objetivo básico de toda a formação individual para enfrentar as demandas das sociedades ditas letradas. Não há, pois, como negar que a escrita trouxe imensas vantagens e consideráveis avanços para as sociedades que adotaram, mas é forçoso admitir que *ela não possuía algum valor intrínseco absoluto*. (MARCUSHI, 1997, p129)

Deste modo, a escrita surge como tecnologia que permitiu ao homem o registro de sua história, significando a transição do mito predominante da oralidade, para a história através do registro.

Se levarmos em consideração que a educação até bem pouco tempo era privilégio de poucos, podemos supor que boa parte do conhecimento que é popular chegou até nos por intermédio da oralidade, porém, com o fenômeno da massificação da escrita, esta, em nossa sociedade contemporânea tem tomado lugar de destaque.

De acordo com Marchushi (2005), “há autores que consideram a tradição da escrita como veículo por excelência da cultura, do pensamento e do raciocínio abstrato, ao passo que a tradição oral seria mais concreta e apta para o saber intuitivo e prático ou para a transmissão da experiência cotidiana”.

Marchushi (2005), entretanto considera essa assertiva carregada de implicações políticas e ideológicas, equivocadas e preconceituosas, visto que, tanto a tradição oral quanto a escrita carregam consigo significações e personificações diferentes da linguagem, fato que não coloca uma ou outra em posição de superioridade, e sim às coloca como práticas sociais distintas da língua, portanto, cada uma exerce uma função em relação à comunicação humana, sem a necessidade do detrimento uma da outra.

Quando levamos o fenômeno de escrita e oralidade para o âmbito da literatura, as divergências entre oral e o escrito ficam mais evidentes. Para os teóricos tradicionalistas, a ideia de uma literatura oral é inadmissível.

De acordo com Moises (2003), o próprio significado etimológico da palavra literatura esta ligada às letras, segundo Moises (2003), “por mais generosa que seja a ideia romântica de uma literatura oral, popular, esta não passa de folclore, e só adquire status literário quando escrita”, ou seja, Moises (2003) nega a ideia de uma literatura que não seja escrita, excluindo a literatura popular do repertório literário, devido ao carácter eminentemente oral desta.

Na contra mão da ideia de negar a oralidade na literatura popular, Alcofarado (2008), defende que o fazer literário não se concretiza apenas através da escrita, apesar da literatura oral ter permanecido bastante tempo fora dos estudos literários.

Se admitíssemos, como querem muitos, que a literatura é um fenômeno que só se realiza em plenitude na modalidade escrita, estaríamos excluindo as tradições orais medievais de comunidades européias, cuja produção literária era a expressão de indivíduos iletrados que numericamente predominavam naquela época. (ALCOFRANDO, 2008, p. 110)

Alcofrando (2008) sustenta a sua posição tomando como referência a literatura produzida na idade média, na qual a produção literária é predominante oral, período no qual a escrita era privilégio de poucos e a produção literária não estava atrelada a escrita.

Neste sentido, Alcofrando (2008) defende, que mesmo que se entenda a literatura como um fenômeno estético da linguagem, isto é, em nada significa que apenas os documentos escritos sejam literários, apesar de a tradição literária, considerar a literatura como elemento intrinsecamente escrito.

3. BUMBA MEU BOI: A EXPRESSÃO DA MESTIÇAGEM BRASILEIRA

Recriar as origens do Bumba Meu Boi não é tarefa fácil, de acordo com IPHAN (2011), as hipóteses sobre suas origens são inúmeras. A preocupação por discutir as origens do Bumba Meu Boi tem início na segunda metade do século XIX, com os estudos de Celso de Magalhães e Romero Silva, que defendem o Bumba Meu Boi como narrativa de raiz portuguesa Brasil (2011).

Na contramão dessas teorias, surge Nina Rodrigues, defensor da influência africana no Bumba Meu Boi, que de acordo como Brasil (2011), defende a ideia da influência do folclore africano como elemento da gênese do folguedo brasileiro, dando ênfase para os povos bantus e sudaneses.

Nas décadas de 30 e 50 do século XX, estudos apontam diferentes origens para o folguedo; a primeira hipótese tem como principal expoente Mário de Andrade que defende a origem lusitana do auto como afirma Brasil (2011) “O principal defensor foi Mário de

Andrade para quem o Bumba Meu Boi é procedente de Portugal, e que assim como a poesia e demais autos e danças dramáticas, de forma como se apresentam aqui”.

Outra tendência de estudo que cresceu neste período, foi a que defende a reinvenção da cultura lusitana no Brasil através das mistura africana e indígena no Brasil. Conforme Brasil (2011), esta corrente teve como defensores estudiosos como Renato Almeida e Câmara Cascudo. Porém, apesar das inúmeras hipóteses nada de conclusivo, além da assertiva da inegável importância do Bumba Meu Boi no cenário cultural brasileiro.

Ainda que os pensadores do folclore e da cultura popular não tenham localizado a gênese das danças do boi no Brasil, as variadas tentativas de explicar o seu surgimento são fonte inesgotável de hipóteses que enriquecem consideravelmente as discussões acerca dessa tão complexa quanto fascinante expressão da cultura popular brasileira. A busca das origens do Bumba-meu-boi e de outras manifestações culturais teve destaque na construção do pensamento social brasileiro, entretanto, a noção de consenso jamais esteve presente nessas interpretações. A origem, contemporaneamente, passou a ser recriada e, mesmo que não seja remontada historicamente é atualizada em práticas seculares. (BRASIL, 2011. p.17):

Desse modo, apesar da tentativa dos diversos folcloristas e estudioso da cultura popular a origem do Bumba Meu Boi, cabe ainda muitas hipótese que auxiliam na construção da identidade cultural Brasileira, e transforma o Bumba Meu Boi em um objeto de estudo interessante devido a sua própria forma de narração que traz elementos de todas as etnias que formam o povo brasileiro, Brasil (2011).

De acordo com Cascudo (2006), o primeiro registro sobre o Bumba Meu Boi data de 1840, no estado do Pernambuco, em uma descrição pouco amistosa do frei Miguel de Sacramento Lopes Gama, no qual o frei descreve o folguedo como “estúpido e destituído de graça”.

Embora Cascudo (2006) defenda que não se pode afirmar com exatidão as origens do auto do Bumba Meu Boi, o mesmo destaca a mestiçagem brasileira como o ponto de partida para os estudos sobre as origens do folguedo.

O BUMBA-MEU-BOI e trabalho mestiço, imaginação, malícia congênita do mulato. O português predominante dará a Marujada, o Fandango, nostálgico, recordador, melodioso, com ritmos quartenários, impregnados de encanto, a monotonia das solidões atlânticas. O negro está no Congo, Congadas, guerreiro, pomposo, sacudindo ordens de comando, cantando marchas beliciosas, reergendo do passado o trono das rainhas de Angola, a figura viva de Njinra Mbandi, voluntariosa e cruel. O brasileiro em alegria sátira, sentimentalismo, piedade, justiça e arbítrio, samba e oração, esta no Bumba meu Boi. (CASCUDO, 2006, p.442)

Assim no cenário cultural brasileiro o Bumba Meu Boi apresenta-se como a junção das diversas etnias que formam o povo brasileiro, trazendo para o folgado o negro, o branco e o índio; através de uma ritualística própria, constituindo uma cultura mestiça que é traduzida através de cantos danças e encenações.

3.1 Origem cronológica

A lenda do Bumba Meu Boi nos remete ao ciclo do gado, no período da colonização do Brasil, com a conquista do sertão nordestino e dos limites do Sul do Brasil para a exploração pecuária, Marques (1996).

Desenvolveu-se a partir da exploração da mão de obra indígena e posteriormente a mão de obra negra, e se espalhou através da oralidade pelo nordeste, representando os abusos sofridos por índios e negros nas sezalas das grandes fazendas.

A lenda retrata a desigualdade entre casa grande e senzala através de relatos orais, e acaba adquirindo tons de sátira, comédia e drama, conforme a região que esta é recontada, mantendo o seu significado original nucleado na reação homem e animal, no qual os dois desafiavam-se em um duelo de inteligência e força, Marques (1996).

A tradição criada do relato das etnias oprimidas, ganha força no teatro jesuítico que incorpora a esta as características de auto, introduzindo nesta um código moral definido pela religiosidade, espalhando-se pelo Brasil e adaptando-se a realidade social de cada comunidade.

3.2 A narrativa do auto

O auto teatral tem origem medieval, de cunho popular contém partes que são cantadas e dançadas. O Bumba Meu Boi é um auto brasileiro, que integra a dramatização, a música e coreografias. Recebendo várias denominações pelo Brasil, como boi de mamão, boi de calemba. A história gira em torno da morte e da ressurreição do boi preferido de um grande fazendeiro, Brasil (2011).

A trama passa-se na propriedade de um grande produtor rural, na qual a escrava Catirina esperando um bebê e sente-se desejosa para comer a língua do boi preferido do seu senhor, o dono da fazenda. Pai Francisco, marido de Catirina, cedendo aos desejos da esposa acaba matando o animal, a partir daí começa a corrida para tentar trazer de volta a vida o majestoso animal.

Essa cultura manifesta-se com mais intensidade nos estados do nordeste, principalmente, no estado do Maranhão, onde os aspectos religiosos são muitos marcados como bem menciona Sanches (2003.p.12): “concebido, dançado e cantado em homenagem a santos católicos, mas, também, às entidades espirituais cultuadas nos terreiros de tambor de mina, umbanda, pajelença, entre outros. Portanto, pode ser entendido como um sistema de dádivas entre os homens e as divindades”, ou seja, de trocas entre os humanos e elementos espirituais.

Atualmente esta manifestação que já foi tida por muito tempo como ato de vandalismo, tem espaço consagrado no cenário cultural nacional, aparecendo com formas de varias adaptações e nomeclatura, porém, com a essência original do folguedo.

No estado do Maranhão essa diferenciação se dá através dos sotaques, que são uma forma de classificar o estilo do boi através de características semelhantes entre os grupos. Brasil (2011), afirma que os sotaques são uma espécie de tentativa de organizar o Bumba Meu Boi, delimitando as características peculiares de cada região.

Marques (1996) traz o sotaque de Zabumba, como a possível raiz dos demais sotaques, a partir do qual os grupos de até hoje recriam a estória de Pai Francisco e Catirina,

adaptando esta aos seus hábitos de vida, enriquecendo a tradição quando esta é vivida e recriada, conservando as suas características principais ou disvirtuando-a quando esta é recriada de forma que suas raízes não são levadas em consideração. Afirmado assim que a preservação das características básicas do Bumba Meu Boi é resultado das práticas comunitárias, resultado da vivência daqueles que fazem o Boi. Deste modo, Marques (1996), afirma que apesar de uma tentativa de classificar os Sotaques do Bumba Meu Boi, isto é, de certa forma impossível, devido à capacidade que os sotaques do folguedo tem de adaptar-se a realidade das comunidades que esta cultura manifesta-se.

Esta classificação se dá no sentido de direcionar estudos e pesquisa na área, embora, o Brasil (2011) afirme sobre a impossibilidade de classificação desses sotaques, devido à infinidade de vertentes do Bumba Meu Boi.

Embora a classificação em sotaques seja útil para o direcionamento de estudos e pesquisas e para a execução de ações dos poderes público estadual e municipal no campo da cultura popular relativas ao Bumba-meu-boi, uma incursão pelos municípios do Maranhão demonstra que essa categorização não abarca a diversidade dessa manifestação cultural popular maranhense. Nas diversas regiões do Estado encontram-se formas distintas de expressão do Bumba-meu-boi, respondendo às necessidades inerentes a cada local com a utilização de recursos disponíveis nos seus respectivos municípios, dando diferentes configurações a uma mesma brincadeira. (BRASIL, 2011, p.26)

É evidente a importância da classificação do Bumba Meu Boi em sotaques para fins de estudo, porém, Brasil (2011), chama atenção, para o fato da diversificação de sotaques que vão além dos que estamos usualmente acostumados, visto que cada comunidade vivência Boi a seu modo, gerando assim uma gama de variações do Bumba Meu Boi, que ainda não se catalogou.

Dentre os sotaques mais conhecidos podemos classificar os sotaques de matraca, originário da ilha de São Luís; o sotaque de Zabumba ou de Guimarães, originário da cidade de Guimarães; o sotaque de orquestra, considerado o sotaque mais novo; o sotaque da Baixada ou de Pindaré, originário da baixada maranhense; sotaque de costa de mão, originário da cidade de Cururupu.

O sotaque de Matraca é originário da ilha de São Luís; é o mais participativo dos sotaques. Neste sotaque as matracas são o “carro chefe” que seguem a toada. Normalmente os

brincantes são chamados de batalhão que acompanham a toada com as matracas. Os seus principais instrumentos são: matracas, pandeirões, maracás e tambor de onça, Lima e Silva Filho (2012).

O sotaque de Zabumba ou de Guimarães é um dos sotaques mais antigos do estado, porém, segundo Lima e Silva Filho (2012) este é um dos que mais tem sofrido para não desaparecer. O seu instrumento principal é a Zabumba, e o destaque é dado para indumentária dos participantes. O sotaque de orquestra é o sotaque mais novo do estado, criado na região do rio Muni, é também, segundo Lima e Silva Filho (2012) um dos mais apreciados. Neste sotaque predominam os instrumentos metálicos como o saxofone, banjos, pistons, clarinetes, bombos e maracas. Os principais grupos representantes desse sotaque são o Boi de Morros e Boi de Axixá.

O sotaque da Baixada ou de Pindaré é originário da região do Pindaré; este sotaque destaca-se como sendo o único a possuir o personagem Cazumbá, este personagem se apresenta como a proteção do boi contra aquele que o querem matar. Este possui um ritmo cadenciado, e os seus principais instrumentos são: matracas, pandeiros e maracás, Lima e Silva Filho (2012). O sotaque de Costa de Mão é originário da cidade de Cururupu, segundo Lima e Silva Filho (2012) este é sotaque que possui o menor número de participante e por isso é o que corre o maior risco de desaparecer. Os principais instrumentos deste sotaque são os tambores pequenos, as zabumbas e os maracás.

3.3 Sátira e revolta: o discurso do oprimido

O boi mescla a narrativa, que permite a percepção deste como objeto de disputa entre negro e senhor; às lendas trazem ao auto, religiosidade e misticismo. Essas estruturas simbólicas nos remetem aos sentidos explícitos e implícitos do folguedo, revelando assim a fala dos grupos reivindicatórios que constituem o folguedo, “uma fala que exige a transformação da estrutura social vigente” (MARQUES, 1996, p.89), caracterizado como manifestação dos grupos populares, produzindo assim um discurso de resposta ao interesse das classes dominantes.

Nesse sentido, a narrativa ganha força uma vez que através do seu universo simbólico, colocando etnias dissidentes em convívio em um núcleo satírico e inovador. Desta forma, para analisarmos o contexto de fala do Bumba Meu Boi é necessário nos situarmos cronologicamente.

O cenário configura-se em um Brasil monárquico, com espaços muito bem demarcados, no qual as camadas populares começam a questionar a validade destas demarcações, surgindo assim inúmeras revoltas que buscam abalar a ordem estabelecida.

Estas singularidades presentes nos seus ritos, mitos, autos, lendas, personagens, cantos, danças, indumentarias, adereços e instrumentos perpetuaram ao longo de três séculos de existências uma fala que produziu sentidos variados e dinâmicos para servir de discurso reivindicativo dos grupos populares. (MARQUES, 1996, p.16)

Desse modo, o Bumba Meu Boi assim como as demais manifestações populares do Brasil monárquico, serviam para dar voz aos seus brincantes, que utilizavam das singularidades do folguedo para produzir um discurso reivindicatório, que apesar de disfarçado em cantos e danças tinha uma grande representatividade.

As camadas menos prestigiadas que não possuíam voz, utilizavam as manifestações folclóricas como formas de demonstrar sua insatisfação, disfarçadas em sátiras, a revolta popular incomodava a elite que por muito tempo tentou coibir estas manifestações, que através do véu da ludicidade conseguia expressar insatisfação popular, atingindo diretamente o “ego” da elite dominante.

Na segunda metade do século XVII tal qual como o resto do país, os negros e índios maranhenses evidenciavam na produção do Bumba meu Boi a estratégia de jogar as ambiguidades do sistema social, de agir nos interstícios e vazios deixados pelos limites da ordem imposta pelos fazendeiros e pelos Jesuítas. Faziam isso buscando no catolicismo popular a reposição da sua religiosidade, sem deixar de lado seus deuses, práticas e mitos, partes de um imaginário secularmente transmitido nas lendas e narrativas cotidianas. (MARQUES, 1996, p.100)

Tal estratégia encontrava apoio nos aconselhamentos dos padres jesuítas, que viam no folguedo uma possibilidade dos próprios participantes perceberem as “diferenças” das etnias demarcadas dentro do folguedo Sodré apud Marques (1996). Fortalecendo assim a

relação entre a o catolicismo, a fé indígena e as religiões afro-brasileiras que se relacionam de forma harmoniosa dentro do folguedo.

Nesse sentido, como afirma Marques (1996), o Bumba Meu Boi surge no cenário cultural brasileiro como um discurso das camadas populares, que através da sátira, colocam dois pólos da sociedade da época em questão em diálogo, no qual o menos favorecido pode ao menos na sua trama vencer o poder do seu senhor, através da fé e da religiosidade, o oprimido ergue-se, promovendo assim uma espécie de catarse em seus brincantes, consolidando-se assim através da tradição oral o Bumba Meu Boi como manifestação genuína da mestiçagem.

4. METODOLOGIA.

Esta pesquisa de natureza empírica ocorreu em três etapas que consistiram em: pesquisa bibliográfica de literatura específica; entrevista com o Sr. João da Silva Meireles, um dos moradores mais antigos do município, com o objetivo reconstruir o cenário cultural do município de São Bernardo nos anos 40 e 50, a partir da qual foi possível fomentar a discussão sobre a importância da escrita na preservação da memória cultural do município; por fim, a última etapa deste trabalho deu-se através da análise dos dados desta pesquisa e escrita final do trabalho.

No que diz respeito à delimitação da pesquisa, considerando a não existência de registro do Bumba Meu Boi no município de São Bernardo, este trabalho leva em consideração as memórias do entrevistado, como fonte de registro da bricadeira de Bumba Meu Boi no período o qual este estudo abarca, no sentido de proporcionar uma discussão sobre a necessidade da preservação desta memória.

Quanto ao universo da pesquisa, optou-se neste estudo, concentrar-se nas memórias de um dos moradores mais antigos do município, o Sr. João da Silva Meireles, integrante da família percusora do Bumba Meu Boi no Município, para investigar a memória da comunidade bernardense, especificamente a cultura do bumba meu boi na década de 40 e 50.

Em relação à caracterização do entrevistado, natural do município de São Bernardo/MA, o senhor João da Silva Meireles, atualmente com oitenta e nove anos é aposentado como trabalhador rural, profissão que exerceu durante boa parte de sua vida, o entrevistado exerceu ainda por longos anos a profissão de professor, o que rendeu a este grande influência em sua comunidade, e o título pelo qual este é conhecido, Professor João. O senhor João da Silva Meireles, é figura ilustre no município conhecido pelo seu vasto repertório de histórias sobre o município. Descendente da família Meireles uma das famílias mais antigas do município, e que está diretamente ligada à cultura do Bumba Meu Boi na região. A história do Sr. João da Silva Meireles esta diretamente ligada à história do Bumba Meu Boi no município, participante durante muitos anos da brincadeira quando esta ainda chamava-se Boi de Pano e ocorria durante o ciclo junino, como uma espécie de reizado, nos quais os grupos de boi saíam de casa em casa.

A coleta de dados deste estudo ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2015, meses nos quais o corpus desta pesquisa foi constituído. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, este estudo privilegia a entrevista semi estruturada como forma de reconstruir o cenário cultural Bernardense, visto que não existe registro sobre ele, além da memória dos moradores mais antigos, por tratar-se de uma época na qual a comunidade configurava-se praticamente oral.

5. ANÁLISES E RESULTADOS

Esta parte do estudo propõe-se discutir os objetivos aqui já propostos que consistem em refletir sobre a transmissão dos saberes populares no município de São Bernardo/MA, assim como refletir sobre o lugar de fala da comunidade bernardense através do Boi de Pano (nome atribuído ao Bumba Meu Boi no município), tendo a oralidade como principal forma de transmissão e na escrita uma forma de resgatar as memórias do município, que se dá a partir da reconstrução do cenário cultural do município nos anos 40/50, através das memórias do Sr. João da Silva Meireles entrevistado neste estudo.

5.1 O Boi de Pano no cenário cultural bernardense

Inicialmente o Bumba Meu Boi no município de São Bernardo/MA, tinha como foco celebrar os santos juninos, padroeiros das festas e estava diretamente ligado aos aspectos religiosos.

A festa que ocorria durante o ciclo junino, podendo se estender até o mês de agosto ou mesmo dezembro. A brincadeira do boi de pano era realizada, a cada dia em um lugar diferente, casas de pessoas que participavam da festa ou apenas gostavam da presença dos brincantes, assim como reisado (movimento cultural muito forte no mesmo período), os brincantes recebiam em pagamento, apenas, comida e bebida doado pelo morador da casa, a qual o boi fazia a visita. O folguedo envolvia todos moradores, visto que esta seguia todos os rituais da brincadeira do Bumba Meu Boi que ia do batizado à ressurreição do animal fantástico.

O Bumba Meu Boi possuía um sincretismo e movimento ritualístico que se iniciava com a benção do boi dada pelo o padre da Igreja Matriz Católica do município e terminava com a morte e ressurreição do boi, em um local específico definido de acordo com os brincantes e/ou espectadores.

O Boi de Pano, como manifestação cultural, possuía algumas características próprias que se perderam ao longo do tempo, abaixo as principais características do folguedo nos anos 40/50, quais sejam: somente homens participavam da brincadeira do Bumba Meu Boi, pois de acordo com o Sr. João Meireles, a rivalidade entre os grupos tornava a brincadeira violenta, o que acarreta na proibição de mulheres participarem da brincadeira; destaca que a brincadeira folguedo ocorria durante o ciclo junino, podendo se estender até o mês de agosto ou até mesmo dezembro.

A brincadeira iniciava com a benção do boi pelo padre da comunidade, a partir do batismo tinha inicio os rituais de morte e ressurreição, neste período entre batismo e ressurreição o boi saia de porta em porta, encerrando a brincadeira com a ressurreição do boi,

que ocorria próximo ao festejo de São Bernardo (santo padroeiro do município), que acontece no mês agosto.

O entrevistado assegurou que os instrumentos utilizados eram artesanais. Neste período, a comunidade encontrava-se segundo, o Sr. João da Silva Meireles, praticamente isolada, pouco contato se tinha com as cidades “mais evoluidas”, tudo neste período era artesanal. O próprio Boi de Pano era fabricado pelos brincantes, a partir do crânio de um animal e de uma estrutura de madeira recoberta de tecidos pelos brincantes. Os instrumentos eram também de fabricação artesanal, devido à falta de recurso da maioria dos brincantes, estes eram confeccionados a partir de materiais encontrados na natureza como madeira e sementes, além de sucatas como tapas de garrafas.

O Bumba Meu Boi era ligado à religiosidade e, segundo o entrevistado, desde a sua fundação, o município de São Bernardo/Ma, traz os aspectos religiosos intrinsecamente ligados as suas tradições culturais. No período pesquisado a comunidade passava o ano inteiro envolta em rituais religiosos que tinham início no mês de janeiro com a peregrinação do reisado, que assim como o Boi de Pano ocorria de porta em porta, com o objetivo de celebrar os três reis magos, que na tradição católica simboliza a visita ao menino Jesus, na década de 40/50, junto com o Boi de Pano esta foi um tradição muito forte, logo após tem início o festejo de São Sebastião, um dos santos padroeiros do município, segundo a Sr. Joao da Silva Meireles, santo responsável por um bom período de chuvas; logo após iniciava-se o os preparativos para quaresma e semana santa, outro período sagrado no município, que exigia da comunidade dedicação e devoção, após a quaresma tinha inicio os preparativos do boi, com a confecção dos instrumentos e do corpo do boi, em meados de maio, o batismo do boi dava início a festividade que durava até princípios do mês de agosto, quando os preparativos para o festejo do padroeiro do município, São Bernardo de Claraval começavam.

O Bumba Meu Boi era uma bricadeira itinerante que ocorria de porta em porta, aproveitando-se deste espaço de socialização da comunidade para realizar o seu espetáculo. Assim sendo, as apresentações ocorriam nas casas dos moradores mais ilustres, pois o principal lugar de encontro dos moradores da comunidade, neste período eram os terreiros das casas que serviam como palco para a contação de histórias, além das festividades, que ocorriam no município na época.

Chama-se atenção para o fato de os brincantes dançarem por bebida, comida e um pouco de dinheiro. Observa-se assim que o Boi de Pano não tinha pretensões comerciais,

apenas entretenimento na comunidade. Os grupos apresentavam-se nas portas das casas dos moradores mais ilustres; apenas por bebida, comida e, como mencionado anteriormente, um pouco de dinheiro, que eram colocados em lençóis que os bricantes carregavam no pescoço, com a finalidade de receber as possíveis prendas dos espectadores da bricadeira.

No que concerne à musicalidade, as canções ou toadas eram produzidas na hora, rimadas de acordo com o que pedia a situação. Desta forma, no período em questão, eram poucos moradores que possuíam escolaridade, assim, o registro escrito da brincadeira era inexistente e assim como no reisado, a tradição era propagada pela oralidade, algumas toadas eram repetidas através da memória dos moradores e recantadas no momento da bricadeira; outras eram criadas na hora e serviam para instigar os espectadores, uma espécie de repente, que às vezes servia para provocar os grupos rivais.

No que diz respeito à rivalidade entre os grupos, de acordo com o Sr. João da Silva Meireles, era grande a ponto de culminar em violência algumas vezes, conforme o relato do entrevistado os grupos rivais vinham de fora da comunidade e, muitas vezes os brincantes se enfrentavam através das rimas das toadas. Em raras ocasiões esses grupos se enfrentavam fisicamente, algumas vezes roubando o boi do adversário para que este não pudesse dar continuidade à festividade.

Atualmente, o município não possui grupo de Bumba Meu Boi, e pouco se sabe sobre a trajetória do mesmo em São Bernardo. Apenas os moradores mais antigos como o senhor João da Silva Meireles, entrevistado neste estudo, possuem uma ligação mais profunda com a ritualística do Boi de Pano.

5.2 As toadas do Boi de Pano

A festa no município de São Bernardo/MA, assim como em todos os estados, baseava-se na teatralidade, na dança e na musicalidade no período das décadas de 40/50, obedecendo aos padrões comuns existentes entre as mais diversas localidades, porém com peculiaridades que já não são vistas atualmente, como as disputas que ocorriam entre os bois de localidades diferentes, fazendo com que os brincantes de cada boi tentassem destruir os

adversários, por vezes até por meio de violência, as músicas eram produzidas na hora da brincadeira (improvisação), como uma forma de repente, bastante comum na região nordeste.

Um dos aspectos marcantes do Boi de Pano era a oralidade, que se manifestava através das toadas, que eram feitas no momento das apresentações, a temática em geral tratava-se de assuntos cotidianos da comunidade, em grande maioria sátiras aos costumes dos moradores locais, algumas cantigas retratavam ainda o amor e a religiosidade.

Desse período, pouco restou destas letras criadas nos momentos das disputas, devido à falta de registros, apenas alguns fragmentos que foram resgatados das memórias dos antigos brincantes, como nos trechos de músicas a seguir obtidos através da entrevista com o Sr. João da Silva Meireles, como se pode observar no excerto:

Essa roupa não é tua
Esse chapéu te deram
Esse sapato tu achô lá de traz do cemitério

No primeiro texto o Sr. João Meireles descreve momento no qual o seu irmão Cicero Meireles amo do Boi, e o cantador principal avista um dos rivais do seu grupo, utilizando essa toada para desmoralizar o adversário, evidenciando sua falta de recursos deste para adquirir a própria indumentária. Ressalta-se que até os dias atuais, muitas brincadeiras emprestam as indumentárias para os brincantes. Observa-se também no excerto acima, algumas características que remetem as cantigas de escárnio e maldizer, dos trovadores medievais, nas quais a sátira ocorria de forma direta para desmoralizar o adversário, Cherchiari (2009).

Mas nem só de toadas de brigas se referiam as toadas do Boi de Pano. Algumas, mais uma vez, remontando ao Trovadorismo Cherchiari (2009) versavam sobre amizade e amor, em uma referência às cantigas de amigo:

*Barre o terreiro, morena
Barre o terreiro, eu já vou
Eu vou levano o meu boi
Que do vapor desembarcou.*

O segundo trecho trata de uma das toadas mais populares na época, normalmente tocada quando o boi iniciava a apresentação, ou seja, na linguagem do Bumba Meu Boi, no “lá vai”. Observe-se que do ponto de vista ortográfico é usado ‘barre’ em oposição à ‘varre’, havendo troca do ‘p’ pelo ‘b’. Tal grafia e mesmo oralização era comum e se justifica na origem das palavras, através de sua raiz latina, fato que ocorre na língua portuguesa devido à transição do latim vulgar para o português, Lima; Sana e Bueno (2013).

O terceiro excerto, de acordo com o Seu João Meireles, foi feito de improviso pelo irmão do entrevistado, assim como muitas outras, no intuito de desafiar o grupo adversário.

Observa-se a supressão de fonemas em palavras como ‘dou’, onde geralmente, a vogal ‘u’ é suprimida, ocorrendo assim o processo de monotogação, fenômeno linguístico no qual um ditongo sofre a perda da sua semivogal, processo comum na oralidade da Língua Portuguesa, como se observa em na palavra ‘dô’ em oposição a dou, Henrique e Hora (2013).

Agora já cheguei
 Todo mundo quer me ver
 Nem que morro ou perco vida
 Não dô o braço a torcer

O quarto excerto se constitui parte de uma das canções mais populares do folguedo na época e retrata a morte do boi; os nomes citados na música referiam-se as pessoas presentes no momento da brincadeira. Desse modo, segundo o entrevistado, a toada pode ser readaptada de diversas formas substituindo os nomes que aparecem no trecho abaixo.

Agora eu vou cortar meu boi samba lê lê
 E a triparia é da dona Maria
 E a rabada é da dona Bernarda
 E a orelha é da mulher feia
 E o coração é do meu irmão
 E o pedaço do rim fica pra mim.

Devido à falta de registros, que as músicas não estão “completas”, foi possível colher apenas fragmentos soltos das músicas lembradas pelo entrevistado, mas que apesar desse déficit a rima era característica imprescindível nos textos, além da simplicidade e a irreverência encontrada nos versos, trazendo alegria a festividade.

Nota-se a existência de uma grande riqueza cultural através das falas do Sr. João da Silva Meireles, porém muito se perdeu na memória deste que devido à ação do tempo.

5.3 O lugar de fala da comunidade bernardense através do Boi de Pano

As práticas culturais de uma comunidade revelam como seus habitantes vivenciam o mundo. (Marques, 1996, p.31) afirma:

Neste caso a prática cultural é pensada no intercâmbio das relações sociais, ligadas às condições de vida e concepções dos lugares de fala dos grupos, como uma releitura de vários textos compreensivos, de um mundo constituído de significados produzidos e interpretados – a cada nova situação e a cada novo interesse, conforme o contexto. (MARQUES, 1996. p.31)

Neste sentido, observa-se que apesar de determinada manifestação cultural possuir um núcleo comum, esta se manifesta de forma diferenciada de uma comunidade para outra.

Baseados nesta informação, podemos afirmar que o Bumba Meu Boi no município de São Bernardo/MA enquadra-se nesta assertiva, considerando este, que apesar de possuir natureza semelhante aos demais, também possui particularidades, às quais se faz necessário registro, para que se possa ter acesso à memória desta comunidade.

De acordo com Marques (1996) o universo da cultura popular se expande à medida que este agrega a si outras formas, tornando assim o universo simbólico da cultura popular transitório; ora efêmero ora permanente.

Assim ao contrário do sentido originário que é constituído na própria perpetuação e atualização do universo simbólico da comunidade, sendo inerente a este processo, o(s) sentido(s) em transição (ões) são formados nas interações promovidas pela realidade do Bumba Meu Boi com o campo cultural; com outros fenômenos semelhantes ou dissemelhantes ao longo da sua história; pelas modificações decorrentes no seu próprio estatuto genérico em que ora é veiculado como folclore ora como cultura popular. (MARQUES, 1996, p.145)

Deste modo, percebe-se o Bumba Meu Boi, como um organismo constituído de várias partes menores, que são os seus diversos significados, dessa forma apesar do sentido originário do Bumba Meu Boi, existem outros diversos que são resultado da interação que ocorre no campo cultural, que permite ao Bumba Meu Boi renovar-se e incorporar novos significados, sem a perda do seu sentido original. Porém, para a manutenção de seus significados há a necessidade da continuidade da transmissão desta cultura, e na readaptação desta a da comunidade que a produz, a interrupção deste processo incorre no sério risco de seu desaparecimento Marques (1996).

Desta forma, pensemos nas mudanças que ocorrem no folgado do município de São Bernardo/MA, como resultado da troca da manifestação com o meio, e a substituição do fazer artesanal do folgado, pelo comercial e mecanizado.

No decorrer deste estudo percebeu-se que muito se perdeu da memória cultural da comunidade bernardense, a ponto da geração atual não se identificar com as práticas culturais do município, preferindo as manifestações culturais que vem de outros municípios, principalmente as capitais.

Esse fenômeno é decorrente a interrupção da transmissão das tradições, que se faziam por meio da oralidade, segundo o Sr. João da Silva Meireles, atualmente é muito difícil encontrar alguém que esteja interessado em participar destas festividades simplesmente por seu valor cultural. A maioria dos jovens bernardenses ao participarem de grupos de danças opta por aqueles que são mais chamativos e populares, algo que atualmente o boi de pano não é.

Observa-se neste estudo, a não identificação da atual geração com as práticas culturais típicas deste município, constituindo assim, uma comunidade que atualmente está praticamente destituída de uma identidade cultural genuína, valendo-se apenas das influências culturais que recebe de comunidades mais “evoluídas”, cuja cultura artesanal há tempos foi abolida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Zilberman, (2006, p.117), “a memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário”, neste sentido a memória é individual e subjetiva, resultado da vivência do indivíduo que a carrega, remetendo sempre ao passado que pode ser revivido através dela.

Na cultura popular apesar desta memória ser individual, visto que se dá na perspectiva de quem conta; esta é uma memória também coletiva, pois, remete aos hábitos de vida de uma comunidade, considerando esta um único corpo que compartilha múltiplas simbioses.

Uma das principais características da cultura popular, como afirma Marques (1996), é sua contínua reconstrução e adaptação aos novos cenários das comunidades as quais são atribuídas, neste sentido é necessário que esta transmissão ocorra de forma ininterrupta. Observa-se a descontinuidade na cultura bernardense, que atualmente encontra-se enfraquecida e de certa forma esquecida pelas gerações mais jovens.

Diante o decorrido até aqui, pensemos na efemeridade da oralidade, que apesar de ser um dos principais veículos de transmissão da cultura popular, tem uma durabilidade menor que a escrita, no sentido da sua produção e do seu suporte de veiculação, sendo, o suporte da voz a memória, que necessita ser compartilhada para que permaneça.

Diante do exposto, este estudo buscou apontar a escrita como uma opção para resgatar a memória cultural desta comunidade, a partir de um apanhado das histórias dos moradores mais velhos que muito contribuíram, e que de alguma forma contribuem ainda para o cenário cultural do município, através da contação destas histórias àqueles que param e doam os seus ouvidos a estes. Atualmente pouco se sabe sobre o passado cultural do município, apenas os moradores mais velhos possuem em suas memórias estes registros.

Uma vez que o simples deu lugar ao complexo, ao formal, a cultura do boi de pano feita por pessoas do qual não se tem registro, foi deixada de lado e permanece guardada apenas na memória de velhos brincantes que a recordam com saudade.

A cada antigo brincante que se vai é uma memória a menos a se explorada, um registro, mesmo que informal, perdido, em tempos que tudo ocorre cada vez mais rápido é fácil de ser esquecido, onde as informalidades não são relevadas e os momentos importantes da história são perdidos, há a necessidade de um registro imediato para que essas ricas raízes não sejam apagadas e se percam no tempo, dando lugar a uma aculturação a cada dia com mais espaço no município pesquisado.

REFERÊNCIAS:

ALCOFRANDO, Doralice Xavier. Literatura Oral e Popular. Boitató: **Revista do GT de Literatura Oral da ANPOLL**. Salvador, p 110-116, ago.2008.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão: Dossiê do registro**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: Iphan/MA, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

CHERCHIARI, Candice Quinelato Baptista. **VEA, FEA, SANDIA: IMAGENS DA MULHER NA CANTIGA DE ESCARNIO E MALDIZER GALEGO PORTUGUESA**. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação de História, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://www.google.com.br/?ion=1&espv=2#q=CANDICE+QUINELATO+BAPTISTA+CHERCHIARI+tese+pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

Religiosas Que Sacralizam O Bumba-Meu-Boi. XI CONLAB - UFBA, Ondina: 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. DP&A. 1º ed. RJ, 1992.

HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; HORA, Dermeval da. **Da Fala À Escrita: a monotongação de ditongos decrescentes na escrita de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental**. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.108-121, jan. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/13405/10095>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

LIMA, Josemara da Paz; SANA, Nágila Kelli Prado; BUENO, Elza Sabino da Silva. ASPECTOS HISTÓRICO-FILOLÓGICOS DA ALTERNÂNCIA DOS FONEMAS /V/ E /B/ NO PORTUGUÊS FALADO. **Web-revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 3, n. 9, p.143-15, mar.2013. Disponível <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013114559.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

LIMA, Maria Denise Soares; SILVA FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis. O auto do Bumba-meu-boi do Maranhão e a Lei n. 11.645/2008: contribuições didáticas EccoS Revista Científica. **Eccos Revista Científica**, Eccos Revista Científica, v. 0, n. 28, p.113-128, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/715/71523339008.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. **Mídia e experiência na cultura popular: o bumba meu boi no maranhão**. 1996. 283 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (org). **Fala e Escrita**. 1. ed, 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e escrita**. SIGNÓTICA, Goiânia, p. 119 - 146. Disponível em: <http://teleduc4.letras.ufmg.br:8000/cursos/diretorio/leituras_13_1/1%20Marcuschi%20Oralidade%20e%20Escrita.pdf>. Acesso em: 22.10.2015

MOISES, Massaud. **A Criação Literária: Poesia**. 18ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SANCHES, Abmalena. (2003). **É de fé e devoção o brinquedo da ilha: a religiosidade no /bumba-meu-boi**. Boletim n. 26 da Comissão Maranhense de Folclore. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/x/boletim26.pdf>>. Acesso em 22 fev 2016.

SOUZA, Valdimir de. **Cultura literatura dialogos**. São Paulo: do Autor, 2008. 152 p. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/uploads/1524/1524.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre oralidade e escrita. **Letra de Hoje**, Porto Alegre, v.1, n.3, p.113-117. 2, Set.2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ols/>> Acesso em: 22 fev 2016.